

## **7o. Congreso Latinoamericano de Ciencia Política**

**Lideranças Políticas e Cinema: atentados e assassinatos dos presidentes americanos**

**Vera Chaia**

**La Universidad de los Andes de Bogotá**

**Colombia, 25 a 27 de setembro de 2013.**

## **Lideranças Políticas e Cinema: atentados e assassinatos dos presidentes americanos<sup>1</sup>**

**Vera Chaia<sup>2</sup>**

O presente artigo deverá focar a construção e a disseminação da imagem do poder, por meio dos personagens que representam as figuras dos presidentes nos Estados Unidos da América. A análise será feita a partir dos filmes que apresentam os atentados e assassinatos dos presidentes norte americanos. Busca-se, com esta abordagem, ampliar os vínculos entre imagem e política e os limites da interpretação política.

Por que estudar a problemática da Imagem e Poder? Quais as possibilidades de analisarmos a construção da imagem das lideranças políticas que ocupam e/ou ocuparam cargos executivos nos Estados Unidos? Por que têm tantos filmes que trabalham com atentados e mortes dos presidentes? Na nossa avaliação existe uma relação ambígua, de amor e ódio que se faz presente nos filmes produzidos nos EUA sobre esta temática. A produção cinematográfica americana privilegia filmes de ação, prevalecendo o espetáculo e não a reflexão. O heroísmo do presidente, os embates entre os bons políticos e o ‘bandido’, o mocinho e o ‘terrorista’ é ressaltado nos filmes, prevalecendo uma visão maniqueísta da política.

Portanto, o culto à personalidade, enquanto produto da sociedade contemporânea e da sociedade do espetáculo, acrescida ao modelo do presidencialismo, que atribui poderes especiais à autoridade, contribui para a exaltação destas lideranças, enquanto super-heróis, enquanto ‘políticos acima de qualquer suspeita’.

Tendo por base a produção cinematográfica, o artigo deverá focar a construção e a disseminação da imagem do poder, por meio das personagens que representam as figuras dos presidentes nos Estados Unidos da América em atentados e assassinatos. A análise será feita a partir dos filmes que apresentam ficcionalmente a figura do chefe do Executivo. Serão analisados os filmes: A morte de George W. Bush, direção: Gabriel

---

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pelo CNPq – Bolsa Produtividade em Pesquisa (PQ). Texto preliminar e pesquisa em andamento.

<sup>2</sup> Vera Chaia - Professora do Departamento de Política e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, pesquisadora do Neamp (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política) da PUC/SP e do CNPq.

Range, ano: 2006, Inglaterra; O assassinato de Richard Nixon, direção: Niels Mueller, ano: 2004, EUA / México; Força Aérea Um, direção: Wolfgang Petersen, ano: 1997, EUA. Também iremos trabalhar com o filme que reconstrói o assassinato de John Kennedy - JFK - a pergunta que não quer calar, direção: Oliver Stone, ano: 1991, EUA.

Os filmes a serem analisados também trabalham com a temática do medo, da apreensão, da expectativa e com a espetacularização das ações e atuações presentes nos filmes, visto envolver atentados, assassinatos e atos terroristas contra o governante.

No artigo de João Luiz Vieira, o medo é estudado no cinema. Segundo o autor: “...o medo é uma forma de estímulo positivo no sentido de nos colocar sempre em estado de alerta, em geral associado à sobrevivência diante da possibilidade concreta da morte. O corpo, em sua finitude natural ou diante de agressões que ameaçam sua integridade física, atrai todo o nosso interesse nos processos de antropomorfização negociados pela identificação entre uma plateia e a ficção audiovisual encenada” (VIEIRA, 2007, p. 225).

Com relação à definição do terrorismo existe uma produção expressiva. Para não dispersar o que objetivamos analisar, nos limitaremos a caracterizar o terrorismo, como: “O ato terrorista é definido como uma pessoa ilegalmente e intencionalmente causar ou ameaçar causar violência por meio de armas de fogo, armas, explosivos e quaisquer outros mecanismos letais ou substâncias perigosas, que resulte, ou possivelmente resulte, na morte ou ferimento de uma pessoa ou grupo de pessoa ou sérios danos a propriedade – seja de uso público, um órgão governamental, sistema de transporte público ou parte da infra-estrutura. Atos de terrorismo também incluem a tentativa de tal pessoa cometer tal crime, ou em organizar ou direcionar outros a cometer tal ato, ou em contribuir para a realização do ato.”<sup>3</sup> (NICOLETTI, 2006, p. 86).

Por sua vez o atentado significa “um ato de violência que visa causar algum dano ou mesmo destruir algo ou alguém, e que tem uma motivação ideológica (seja ela religiosa, política, moral)”.<sup>4</sup>

Na política contemporânea, o 11 de setembro de 2001 foi uma data histórica para se discutir a problemática do terrorismo e do medo. A adoção de políticas anti-terror foram acentuadas após esta data e o uso do medo enquanto estratégia política para

---

<sup>3</sup> <sup>45</sup>CENTER FOR NONPROLIFERATION STUDIES. Draft Comprehensive Convention on International Terrorism. Disponível em : “[http://www.nti.org/e\\_research/official\\_docs/inventory/pdfs/intltterr.pdf](http://www.nti.org/e_research/official_docs/inventory/pdfs/intltterr.pdf)”

<sup>4</sup> <http://pt.wikipedia.org/wiki/Atentado>

controlar e dirigir povos e nações foi incrementado e utilizado enquanto arma política para justificar atos de terrorismo do estado.

O medo está presente em vários momentos de nossa vida, ao assistirmos filmes de terror e suspense, ao vivenciarmos situações no cotidiano que nos impulsiona a enfrentar o medo. O medo pode ser fabricado e produzido por um sistema político e/ou criado para estimular e impulsionar a obediência dos cidadãos em determinadas sociedades. É neste sentido que se deve também analisar a mídia, enquanto produtora de conhecimentos e geradora de construções sociais que trabalham com a ideia do medo e constroem representações sociais que estimulam este sentimento, seja na programação diária seja nos telejornais e no tipo de cobertura jornalística realizada por estes meios (CHAIA, 2011, p.73).

O cineasta americano Michael Moore, realiza seus documentários visando discutir e problematizar a temática do medo. O filme “Tiros em Columbine” (2002) destaca-se dentro desta temática. Moore “investiga a fascinação dos americanos pelas armas de fogo... questiona a origem dessa cultura bélica e busca respostas visitando pequenas cidades dos Estados Unidos, onde a maior parte dos moradores guarda uma arma em casa. Entre essas cidades está Littleton, no Colorado, onde fica o colégio Columbine. Lá os adolescentes Dylan Klebold e Eric Harris pegaram as armas dos pais e mataram 14 estudantes e um professor no refeitório” ([www.adorocinema.com/filmes/bowling-for-columbine](http://www.adorocinema.com/filmes/bowling-for-columbine)). Barry Glassner, sociólogo americano, escreveu Cultura do Medo (GLASSNER, 2003), serviu de guia de Moore, para realizar esta película.

A disseminação do medo influencia comportamento dos cidadãos e dita políticas de segurança, na avaliação de Glassner. Por que os americanos andam com tanto medo? Uma explicação popular responsabiliza a mídia jornalística, que dissemina esse medo. Outra possível explicação é a facilidade de se obter armas teoria dos efeitos da mídia possui uma boa parcela de verdade. De acordo com a Segunda Emenda da Constituição dos Estados Unidos, as pessoas possuem o direito de portar armas para sua proteção, desde que sempre as usem dentro da lei. “No discurso público, os medos proliferam por meio de um processo de troca. A cultura do medo cresce cada vez mais por meio de correntes de temores e contratemores” (GLASSNER, 2003, p.39).

Outro filme de Moore - “Fahrenheit 11 de setembro” (2004) - tem como objetivo desconstruir a imagem política de George W. Bush e enfrentar a estratégia política

baseada na cultura do medo, traçada por seu governo para enfrentar o terrorismo pós 11 de setembro de 2001. O filme faz uso do humor e de um arquivo de imagens para revelar o que se passou no governo Bush, antes, durante e depois dos atentados nas Torres Gêmeas em Nova York (CHAIA, 2011, p.86/87).

Mesmo antes do atentado às Torres Gêmeas, a produção cinematográfica americana já pregava a guerra contra o terrorismo e apresentava filmes com atentados com os presidentes americanos. O filme JFK foi produzido em 1991 e o Força Aérea Um no ano de 1997.

Quanto aos procedimentos metodológicos e de pesquisa, iremos realizar uma análise interna dos filmes selecionados; análise histórica da trajetória das lideranças retratadas nos filmes, bem como análise das questões institucionais, do comportamento político e da comunicação política no período abordado pelos filmes; vinculação orgânica entre a análise interna dos filmes e situação político-cultural da época retratada.

### **Análise dos filmes**

**O Assassinato de Richard Nixon**, Direção: Niels Mueller, Ano: 2004, País de origem: EUA / México, SINOPSE - Samuel J. Bicke é um homem desempregado e recém-divorciado. O ano é 1974 e, após muito pensar, ele chega à conclusão de que o culpado por todos os seus problemas, inclusive os de relacionamento, é o governo dos Estados Unidos, mais exatamente o presidente Richard Nixon. Frustrado e sem esperança, Samuel decide então planejar o assassinato de Nixon como forma de se vingar. <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-52407/>

Os letreiros do filme são acompanhados ao fundo pela imagem do presidente Richard Nixon discursando. Não se ouve a fala, mas acompanhamos os gestos em câmera lenta. Ouvimos a fala de Nixon numa gravação feita quando renunciou à presidência depois do escândalo do Watergate. A televisão desempenha um papel importante no filme, pois é através das imagens e/ou fala do presidente Richard Nixon, que o espectador compreende o período e os problemas conjunturais que circundam a conjuntura política daquela época nos Estados Unidos.

Cena de Samuel se barbeando no seu carro, retirando um revólver do porta-luvas e se dirigindo ao aeroporto de Baltimore no dia 22 de fevereiro de 1974. O filme faz um flashback e nos mostra o disco de Leonard Bernstein sendo ouvido por Samuel, que

manifesta sua admiração pelo maestro e compositor e deseja que Bernstein fale ao mundo quem era ele. Para tanto faz reflexões e deixa sua mensagem em um gravador:

“Sr Bernstein

Tenho o maior respeito pelo senhor. Sua música é pura e sincera. É por isso que o escolhi para apresentar ao mundo a verdade sobre mim. Meu nome é Sam Bicke e eu me considero um grão de areia. Nesta praia chamada América... existem 211 milhões de grãos de areia... 3 bilhões na praia que chamamos Terra. Se eu tiver sorte, o ato que estou prestes a empreender mostrará aos poderosos que até mesmo o mais insignificante grão de areia tem em si o poder de destruí-los. Sr Bernstein em muitos momentos eu me senti sozinho neste planeta. É o que eles querem, não é? Sozinhos, divididos, fracos. O que houve Sr. Bernstein com a terra da fartura, onde há fartura para poucos e nada para muitos? Esse é o sonho americano? Explique uma coisa Sr. Bernstein eu só quero uma fatia do sonho americano, como o meu pai e o pai dele. É esperar demais? Nosso país é bom, maestro, com um povo decente. Mas o que é decente nos dias de hoje? Sr. Bernstein tem gente que espera sentada a vida toda por um sonho que nunca irá se realizar. São ovelhas. Mas há muitos outros como nós, maestro que não se deixam escravizar. Querer independência é querer demais, Sr. Bernstein? Como o senhor não tem chefe, não faz ideia de como é trabalhar para alguém feito um escravo. Saiba que a escravidão nunca acabou neste país. Só recebeu um novo nome: emprego. Quando era guri aprendi a ser educado, Sr. Bernstein, mas o que faço com pessoas que não me respeita? Quem são esses homens, maestro que nos mantêm à espera aos seus pés? Os fracos não herdarão a terra. Ela pertence aos covardes que só se importam em chegar ao topo, seja de que forma for. Eu sou honesto e, se isso me destruir, que seja. Mas não vou ficar calado. Peço que conte a eles, maestro, que eu estava nervoso, que ao contrário dos poderosos, eu não tinha a arrogância de acreditar que meus atos eram virtuosos. A certeza é o mal dos reis, maestro. E Sam Bicke era muitas coisas, mas não era rei. Ele só queria mudar o mundo, acabar com as mentiras. E mirou alto. Nenhuma lâmpada se acendeu. Foi mais como uma vela antiga, só uma ideia simples. Mas, naquele momento Sr. Bernstein, eu sabia que o destino estava traçado. É uma pena que vidas inocentes sejam sacrificadas, maestro. Eu me esforcei para evitar o máximo de mortes, mesmo que isso não seja fácil. Se a história nos ensinou algo é que é preciso pegar o líder do governo. Derrubar o chefe da cadeira e deixar o sistema por um fio até ele se sufocar. Destruir o líder do governo é conseguir uma mudança de verdade. E eu vou fazer isso.

No avião, Sam fala mentalmente: Olhe para mim maestro: eu estou rindo? Conte por que fiz isso. A História precisa saber. Podem reconstruir a Casa Branca, mas nunca irão me esquecer. Nunca! Seu estive aqui, maestro. Eu fiz isso. E um homem só é lembrado pela sua obra. Diga isso a eles”.

Samuel é vendedor em uma loja de móveis de escritório e enfrenta problemas com o seu chefe. Cena em que aparece Nixon discursando e o chefe comenta com o Sam, em um bar que Nixon é o maior vendedor do mundo, pois promete e não entrega. Ele ganha do seu chefe livros e fitas cassetes de autoajuda, para adquirir confiança e para que Sam se transforme num excelente vendedor.

Sam é brigado com o irmão, que possui uma grande loja de venda de carros e acessórios. Ele também visita um amigo que possui uma oficina mecânica. Sam visita sua ex-mulher, Marie, e seus filhos. Ele retorna no domingo, conforme a solicitação da ex-mulher, mas não encontra ninguém em casa. Ele fica aguardando a ex-mulher chegar, que chega acompanhada de um homem e seus filhos, que a beija na despedida. Sam vai a um bar encontrar Marie, que é garçonete.

Sempre aparece ao fundo uma televisão ligada e Nixon discursando.

Sam visita a sede do grupo político Black Power Party, após ver na televisão a entrevista com um dos líderes do movimento, David Hilliard. Ele é recebido, com desconfiança por um dos membros do movimento e comenta que ele, Sam, concorda com as afirmações e propostas do grupo, embora seja branco. Ele sugere que os Black Panther se transformem em Zebras, que são brancas e pretas, para ampliar os simpatizantes do movimento.

O chefe o chama para dizer que ele não está indo bem no trabalho e ordena que ele tire o bigode. Sam não quer porque ele deixou crescer por causa da ex-mulher. Sam janta com a família de seu amigo Bonny. Novamente vemos Nixon na televisão, dançando no casamento de a sua filha.

Cenas recorrentes – Sam bate o ponto (17:00) de seu emprego, abre a caixa do correio de sua casa esperando uma resposta de seu pedido de empréstimo, janta e assiste televisão, onde Nixon está sempre nos noticiários. Cada vez ele sai mais cedo de seu trabalho e verifica em sua caixa se chegou alguma carta.

Sam visita seu amigo na oficina e presencia um cliente xingando e falando mal dos serviços de Bonny. Sam vê uma arma na gaveta e aponta para o cliente raivoso. O mecânico conserta o problema e volta para seu escritório e briga com Sam. Depois tudo fica bem.

Sam recebe pelo correio uma certidão de divórcio de sua ex-mulher. Tenta se comunicar e encontrar com Marie. Consegue falar com ela em outro telefone, de madrugada. Depois ele chora. Num confronto com seu chefe, Sam fala que está saindo do emprego.

Acompanhamos entrevistas com Nixon pela televisão e o chama de ‘canalha’.

Sam invade a empresa do irmão que vende carros e pneus.

A decadência física e a deterioração mental ficam se evidenciando. Sam está obsecado pela carta que não chega. Chega uma carta, mas seu conteúdo não é esclarecido. O aluguel de seu apartamento está atrasado, porque Sam está desempregado. Ao abrir a porta de sua casa, encontra seu irmão o esperando, que o acusa de roubos de pneus, que Sam mandou entregar na oficina de Bonny. Julius, seu irmão rompe com Sam e sai do apartamento.

Sam assiste na televisão o caso do soldado que pousou de helicóptero nos jardins da Casa Branca.

Sam se prepara para o atentado: compra gasolina, ferramentas e um revólver. Sam se prepara para sair, pronto para assassinar o presidente Nixon. Ele ensaia todos os passos que dará para conseguir um avião para invadir a Casa Branca. Para tanto ele constrói uma maquete da CB. Sam rouba a arma de Bonny.

Chega ao aeroporto e coloca várias cartas na caixa do correio, inclusive a carta para o maestro Leonard Bernstein, com uma fita de suas impressões. Sam invade o avião, mas antes atira numa funcionária e no avião mata o co-piloto e atira no piloto. Sam é atingido e aponta a arma para a sua cabeça. A cena final do filme termina com Sam em seu apartamento vazio ele correndo pela casa com um avião de brinquedo.

O aspecto mais importante e impactante do filme é a mensagem que Samuel deixa para Leonard Bernstein. Nesta mensagem, o protagonista descreve o clima político daquele período nos EUA e fala em resistência e autonomia. Ele acredita que o grande culpado de tudo de ruim que estava acontecendo em seu país e em sua vida pessoal era devido ao governo de Nixon e que somente a morte do presidente resolveria os problemas vivenciados por ele.

O desempenho do ator Sean Penn no papel do protagonista é exemplar, pois o ator se transfigura de homem aparentemente bonzinho, obediente e racional, em um homem sofrendo uma decadência física e mental. Somente na mensagem deixada para Leonard Bernstein que compreendemos o gesto de Samuel J. Bicke.

**JFK - a pergunta que não quer calar**, Direção: Oliver Stone, Ano: 1991, País de origem: EUA, SINOPSE - O promotor de Nova Orleans Jim Garrison (Kevin Costner) não está convencido do parecer final da Comissão Warren, que determinou que o Presidente John F. Kennedy foi assassinado por uma única pessoa. Para provar que a comissão estava errada, o advogado resolve investigar a existência de uma conspiração responsável pela morte do político. <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-1417/>

O filme de Oliver Stone foi baseado no livro “On the trail of the assassins”, de Jim Garrison e se inicia com uma retrospectiva sucinta, com imagens e a voz de um locutor falando da ascensão de Kennedy e da política externa americana.

O discurso proferido pelo presidente Kennedy numa universidade americana ressalta a necessidade da paz – imagens de vários momentos da vida de Kennedy são mostradas ao fundo, com o discurso em primeiro plano:

“A que tipo de paz me refiro e que tipo de paz procuramos? Não é a paz americana imposta ao mundo pelas nossas armas. Devemos reavaliar nossa atitude em relação à União Soviética. Nosso elo mais básico e comum é que vivemos neste planeta. Todos respiramos o mesmo ar. Todos nos preocupamos com nossos filhos. E todos nós somos mortais”.



O discurso termina e vemos um carro deixar uma mulher na beira da estrada. Ela comenta, já no hospital, que “eles” foram para Dallas e sussurra de que eles vão matar o presidente Kennedy. Ela pede ajuda e os médicos comentam que a mulher estava delirando.

O presidente Kennedy chega a Dallas com a sua mulher Jacqueline no dia 22 de novembro de 1963 e realizam um percurso com carro nas ruas principais da cidade. O carro presidencial é precedido por uma equipe de batedores policiais e no mesmo carro o vice- presidente e sua mulher fazem parte da comitiva. Kennedy acena para a multidão. A imagem desaparece para dar lugar a um som de tiro de arma de fogo. A trágica cena do atentado aparece como um flash. As notícias do atentado e depois da morte de Kennedy já repercutem na imprensa nacional e internacional.

Cena de um escritório do promotor público, Jim Garrison, em Nova Orleans sendo avisado do atentado contra o presidente. Cena de um restaurante e pessoas assistindo atônitas ao noticiário. E imagens de gente nas ruas chorando.

Acompanhamos outras falas de americanos que celebraram a morte do presidente Kennedy e criticaram sua atuação no episódio da Baía dos Porcos<sup>5</sup>, em Cuba. Um dos americanos, detetive particular (Martin), comenta com seu empregado (Jack) que Kennedy também fez mal em abrir a possibilidade dos negros votarem. Junto com católicos e judeus o povo americano elegeu um irlandês.

A polícia de Dallas prende um suspeito pelo assassinato do presidente chamado Lee Harvey Oswald. Acompanhamos as cenas pela televisão. Ele foi encontrado numa sala de cinema após, segundo a polícia de Dallas, matar um policial em serviço. Lee Oswald, ao ser entrevistado pela imprensa, comenta que ele não matou o presidente e que é bode expiatório, porque viveu na União Soviética.

O promotor assiste com a sua família o noticiário da televisão e ouve o depoimento de Lee Oswald solicitando uma assistência legal para se defender das acusações. Ele também é acusado de ser marxista e de ser militante de Fidel.

Lee Oswald é morto, quando estava sendo levado à delegacia. O assassino chamava-se Jack Ruby.

---

<sup>5</sup> A **Baía dos Porcos** (em espanhol, *Bahia de los Cochinos*) é uma baía na costa meridional de Cuba, mais conhecida em razão de uma tentativa de invasão mal sucedida por parte de mais de mil e duzentos exilados cubanos, ligados ao antigo regime de Fulgêncio Batista, apoiados pelos Estados Unidos e pela Máfia - que foram treinados e financiados pelos serviço secreto norte-americana CIA, em 1961 ([http://pt.Wikipedia.org/W.iki/Ba%C3%ADa\\_dos\\_Porcos](http://pt.Wikipedia.org/W.iki/Ba%C3%ADa_dos_Porcos)).

Cena do enterro de John Kennedy – aparecem sua mulher, os dois filhos, seu irmão Robert Kennedy e seu vice Lyndon Johnson, agora presidente dos EUA.

O promotor, Jim Garrison, entrevista David Ferrie que havia se encontrado com Lee Oswald antes do atentado que matou o presidente Kennedy. Ele diz não conhecer Lee, e é questionado pela sua presença em Dallas no dia seguinte ao assassinato do presidente. David conta uma história pouco verossímil. Por isso ele é preso e é interrogado pelo FBI, que solta David por não ver ligações nem com Lee Oswald e nem com seu assassinato.

Logo após esta decisão, de soltar David, anuncia-se a formação de uma Comissão para o acompanhamento das investigações sobre o assassinato de John Kennedy.

Passaram-se três anos e o promotor ressurgiu viajando de avião com o senador Long. Após esta conversa o promotor se interessa em estudar o caso que resultou no assassinato do presidente Kennedy e se debruça nas falhas da averiguação da polícia de Dallas e da CIA e no depoimento de Oswald, percebendo que ocorreram várias falhas jurídicas. O promotor lê todos os depoimentos do Relatório Warren, percebe que várias testemunhas foram ignoradas e que seus depoimentos foram deixados de lado para a conclusão do relatório.

Jim acredita que Lee Oswald aprendeu russo porque era da inteligência americana. Após a investigação, somos informados que o detetive particular, Guy Banister era ex-agente do FBI e havia sido da Liga Anticomunista do Caribe. Ele treinava jovens para se infiltrarem em organizações radicais estudantis. O promotor visita o prédio que o detetive tinha escritório em Nova Orleans e descobre que Lee Oswald frequentava o mesmo prédio, que tinha entradas diferentes por duas ruas. Num momento anterior ao assassinato do presidente Oswald foi entrevistado por um programa de televisão e disse ser marxista leninista, mas não comunista.

Após estas descobertas, o promotor resolve voltar ao caso do assassinato de John Kennedy. Ele e sua equipe de promotores começam entrevistando Jack, amigo de Banister, que apanhou no dia do assassinato do presidente. Jack ainda fala com medo, mas comenta que o escritório de Banister era frequentado por cubanos e outras pessoas, como David Ferrie, que chegavam armados e chamavam esta ação de “Operação Mangusto”. A ideia era treinar cubanos que viviam nos EUA para invadir Cuba e derrubar Fidel Castro. Todos que faziam parte desta operação eram da CIA. Kennedy mandou o FBI fechar este campo de treinamento, pois não queria outra Baía dos Porcos.

Oswald frequentava o escritório. Outro mandante, chamado Clay Bertrand, era um homem grisalho, da sociedade de New Orleans, apareceu no escritório de Banister e foi bajulado pelo detetive, pois era o homem do dinheiro. Jack fica com medo e sai no meio da entrevista.

O promotor almoça e entrevista o advogado indicado por Clay para defender Oswald. Ele não quer dizer nada sobre Clay Bertrand e levanta e vai embora.

O promotor vai à penitenciária se encontrar com um preso, Willie O'Keefe, que comenta ter conhecido Clay Bertrand num bar de gays, levado por David Ferrie. Após esse encontro ele foi a uma festa e conheceu Lee Oswald. Ficaram poucas pessoas e David comenta raivoso que precisavam matar Fidel Castro e, outros convidados comentam que John Kennedy precisava ser assassinado devido à sua política externa de aproximação com a União Soviética. Queriam colocar um texano na presidência dos EUA. David retoma a conversa de matar Kennedy, mas em um lugar mais reservado. Willie coment:

“Nixon seria um ótimo presidente, até Kennedy afundar o país. Os pretos lutam por seus direitos. Por que há tanto crime hoje?... Mas quando o mataram fiquei apavorado. Apavorado mesmo... o dia em que o filho da mãe morreu foi um grande dia para esse país. E foram culpar o idiota do Oswald. Ele não sabia de nada. O povo precisa saber. Precisa saber porque ele foi morto. Porque ele era comunista”.

Jim janta num restaurante com a sua equipe da Promotoria. Eles descobrem fotos de ‘vagabundos’ presos (Oswald e outro homem bem vestido que foram para a delegacia e depois saíram). Duas testemunhas chaves do assassinato de Kennedy tinham morrido em circunstâncias estranhas. Lee Oswald foi para a União Soviética e havia se casado com uma russa, retornando aos EUA sem ter sido perturbado por qualquer Serviço Secreto e pela Inteligência Americana. Oswald vai para Dallas e frequenta a comunidade russa anticomunista. Sua mulher, Marina, afirma, depois do assassinato de Kennedy que ela tinha certeza que Oswald havia matado o presidente, pois ele sempre foi violento.

A Promotoria de Nova Orleans entrevista vários dos depoentes da Comissão Warren e todos afirmam que os tiros vieram de outro local, isentando de culpa Lee Oswald. Um nome se destaca é de Jack Ruby.

Toda a Promotoria chega à conclusão que armaram para que Lee Oswald fosse considerado culpado do assassinato de Kennedy, inclusive fizeram uma montagem de foto, com ele segurando um rifle.

Clay Bertrand é nome falso. O nome verdadeiro é Clay Shaw e Jim e sua equipe entrevista Clay Shaw, mas ele nega todo o envolvimento dele e de pessoas que frequentavam o seu círculo pessoal.

A promotoria é acusada de gastar U\$ 8.000,00 dólares em uma investigação para provar a conspiração na morte do presidente Kennedy. Os jornais estampam manchetes nos jornais e repórteres e fotógrafos cercam a equipe da Promotoria.

David Ferrie, Clay Shaw e vários cubanos, além de Lee Oswald eram todos da CIA, segundo David e estava apavorado e com medo de morrer. Ele havia sido padre e foi expulso da Igreja por ser gay. A abertura do processo estava sendo feita, aparecem jornalistas de todo o mundo para acompanhar os depoimentos. Encontram escutas em todo o local da Promotoria. Jim está viajando para Washington. Eles recebem um telefonema informando que David Ferrie foi encontrado morto em seu quarto. Outra possível testemunha, citada por David é encontrada morta, por assassinato.

Um membro do FBI conversa com um dos auxiliares da Promotoria. Jim, em Washington e tem uma conversa secreta com um homem, que não se identifica. Ele comenta que já fez parte do serviço secreto e que trabalhou para o Pentágono como militar. Comenta que ajudou a derrubar vários governos em outros países, fraudando eleições, assassinando, dentre outras práticas. O homem comenta que a proposta de derrubar Fidel Castro e invadir Cuba, não deu certo, porque John Kennedy não aprovou a proposta. Ele comenta que foi enviado ao Polo Sul para fazer escolta para um grupo Vip. Quando retornava à Washington, soube do assassinato do presidente.

O mais estranho e revelador é que os jornais da Nova Zelândia noticiaram com 24 horas de antecedência o assassino Lee Oswald, segundo essa testemunha entrevistada. Somente depois é que os EUA noticiaram as suspeitas sobre Lee Oswald. Ele comentou que as forças de segurança militar foram retiradas de Dallas no dia da morte de Kennedy, e que houve um complô naquele dia em Dallas, pois o Exército não estava nas ruas e não foram realizadas fiscalizações nos pontos em que o carro do presidente passaria. Ele renunciou ao cargo no Pentágono em 1964 e faz algumas perguntas:

“Por que Kennedy foi assassinado? Quem se beneficiou? Quem tem poder para encobrir isto? Quem?” Ele comenta que uma reestruturação de algumas práticas da CIA deveriam ser repassadas para o exército e que o chefe de estado é que deteria mais poder sobre essas ações. Essas propostas de Kennedy não foram implantadas por resistências burocráticas. A ‘Operação Mangusto’ foi obra da CIA e foi montada na Universidade de Miami, o principal posto de atuação da CIA”.

Ele comenta: “O fundamento de qualquer sociedade é a guerra. A autoridade do estado sobre o povo reside no seu poder bélico. Kennedy ia acabar com a Guerra Fria. Querida se unir aos soviéticos na conquista espacial. Assinou um acordo com eles proibindo os testes nucleares. Recusou-se a invadir Cuba em 1962. E acertava a retirada do Vietnã. Mas tudo isso terminou em 22 de novembro de 1963”.

Segundo sua avaliação, houve um plano para assassinar de Kennedy, envolvendo militares, petroleiros, indústria bélica que estavam por trás desse complô. A testemunha recusa-se a falar no tribunal por temer a morte. O promotor comenta que não tem poder e nem provas para acusar os poderosos e visita o túmulo de Kennedy.

O promotor começa a operação para prender os suspeitos de planejarem o assassinado do Kennedy. Ele é questionado pelos jornalistas e comenta:

“Vale a pena conservar um governo que mente para o povo? O país está em perigo se não podemos confiar em ninguém nem contar a verdade. Só peço que se faça justiça, custe o que custar”.

No meio de todo esse processo acompanhamos o assassinato do líder Martin Luther King. A família de Jim é assediada e sua filha conversa no telefone com um possível sequestrador. Jim afirma para a mulher que querem assustá-lo, mas que nada irá acontecer. Sua mulher quer sair de casa com os filhos. Eles brigam, mas o apoio de sua família é preservado.

Em reunião com seu assessores, Jim comenta que a Guarda Nacional pediu que ele renunciasse ao cargo de promotor. Após confronto com um de seus assessores, ele pergunta se o assessor havia lido Shakespeare, Júlio César. Afinal quem matou César? Após essa discussão, Bill, o assessor sai da sala. Outro assessor, Lou, por discordar de Bill, também sai e pede demissão.

Jim participa de um programa de televisão e é censurado a todo o momento pelo apresentador. Bill encontra Jim no aeroporto e comenta que ele será assassinado entre Nova York e New Orleans. Ele despreza o ‘boato’. Ele é cercado por policiais e outros indivíduos e consegue sair. Volta para sua casa e é recepcionado por sua família. Seus assessores estão na sua casa e avisam que Bill mudou de lado e informou tudo sobre a investigação aos federais. Os memorandos e todo esse material foi levado pelo Bill.

Jim assiste pela televisão o discurso do candidato à presidência Bob Kennedy e diz:

“Ele nunca vai conseguir. Se ganhar vão matá-lo. Ele vai parar a guerra. Eles vão matá-lo antes que se torne presidente”.

Após a vitória em Chicago, como candidato do Partido Democrata, Bob Kennedy faz um discurso e é assassinado. Cenas na televisão: “O senador Kennedy foi baleado”. Jim entra no seu quarto e avisa a mulher:

“Eles o mataram. Ele ganhou e eles mataram Robert Kennedy ... Pela primeira vez sinto medo de verdade”.

Jim está com sua equipe subindo as escadas do tribunal de justiça e está cercado por jornalistas que acompanham o julgamento de Clay Shaw. O julgamento começa e a

família de Jim comparece para prestigiar o promotor. Ele projetou o filme de Zapruder, que foi confiscado, realizado no momento do assassinato de Kennedy. Esse filme não foi visto anteriormente porque ficou trancado num cofre por 5 anos no prédio Times-Life em Nova York. O filme prova que mais de uma pessoa participou do assassinato. Todos os assistentes do julgamento ficam chocados com o filme, pois reviveram o assassinato do presidente. Jim argumenta que o filme de Zapruder foi feito perto da colina e também teve outro ferido que passava debaixo da ponte da onde partiram os tiros e retruca a Comissão Warren. O promotor reconstrói o cenário do atentado em uma maquete, com todas as testemunhas que presenciaram o assassinato do presidente. Na sua visão ocorreu um golpe de estado. Os médicos civis que iriam fazer a autópsia foram impedidos e enviaram o corpo para Washington (médicos militares é que realizaram a autópsia).

A sala de necropsia estava cheia de gente, médicos e homens do governo, que impediram que se realizasse um exame detalhado no corpo do presidente. Jim afirma que havia três equipes coordenadas para o complô e que se encontrava em vários pontos do local do assassinato. Também comenta o atentado contra Connally. Os atiradores fogem e deixam as balas e o rifle de Oswald no prédio. O promotor reconstrói a trajetória de Lee Oswald e chega à conclusão que não havia condições dele ter matado Kennedy. Em sua avaliação Oswald era um bode expiatório e foi morto para não denunciar a conspiração.

Segundo Jim:

“O país inteiro, influenciado pela mídia, conclui que ele é culpado”. “O fantasma de JFK nos assombra com sua morte o sonho americano”. “Muitos documentos ajudariam a provar essa conspiração. Por que foram retidos ou queimados pelo governo?” “Que segurança nacional temos quando nos roubam nossos líderes? Que segurança nacional permite que se retire o poder básico do povo e aprova a ascensão de um governo invisível nos EUA? Essa segurança nacional tem o cheiro, o gosto e se parece com algo que chamamos de fascismo. JFK morreu por uma conspiração da alta cúpula do governo e executada por soldados frios disciplinados e fanáticos vindos das operações secretas do Pentágono e da CIA”.

Ele finaliza o seu pronunciamento citando uma frase de JFK:

“Não pergunte o que seu país pode fazer por você, mas o que você pode fazer por ele”. “Não se esqueçam de seu rei morto. Mostrem ao mundo que este é um governo do povo, para o povo e pelo povo”.

Os jurados consideraram Clay Shaw inocente das acusações da promotoria, mas confirmaram que houve uma conspiração no assassinato de Kennedy.

Em 1979 Richard Helms, diretor de operações da CIA, admitiu que Clay Shaw também era agente da CIA. Em 1978 Jim Garrison foi eleito juiz da corte estadual da

Louisiana. Ele foi reeleito em 1988 e foi o único a mover um processo sobre a morte de Kennedy. Os arquivos do assassinato de Kennedy ficarão fechados até 2029.

Lyndon B. Johnson, vice-presidente, também é considerado conivente e beneficiado com o assassinato de JFK, na avaliação de Oliver Stone.

**Força Aérea Um** - Direção: Wolfgang Petersen, Ano: 1997, País de origem: EUA, SINOPSE - Ao visitar a Rússia, o presidente americano faz um pronunciamento de nunca ceder às exigências de terroristas. No discurso, ele criticou o comportamento de seu país que, em virtude da burocracia e da diplomacia, assistiu passivamente um ditador do Cazaquistão explorar e matar o próprio povo, tendo posteriormente este mesmo ditador sendo preso com a ajuda dos Estados Unidos. Quando o presidente volta para casa em companhia de sua família, alguns partidários do ditador assumem o controle do avião presidencial e exigem a libertação do líder deles. Caso contrário, matarão a mulher e a filha do presidente, que fica em um terrível dilema, pois se ceder e negociar com os terroristas negará aquilo que pregou, enquanto se decidir não negociar poderá ver sua família ser assassinada. <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-10371/>

O filme começa com uma cena de impacto: paraquedistas invadem, de noite, o Palácio Presidencial do Cazaquistão, ex-colônia da URSS. As paraquedistas descem no palácio, colocam bombas no terraço e invadem o palácio, matando todos os soldados que faziam a guarda presidencial. Invadem o quarto do general Ivan Radek que estava dormindo. Os invasores fogem de helicóptero levando o líder do Cazaquistão.

Três semanas depois acompanhamos a realização de um jantar oferecido pelos russos aos americanos que haviam participado daquela missão contra o general Ivan Radek. O presidente russo faz um discurso e, logo em seguida, acompanhamos o pronunciamento do presidente americano, James Marshall, (interpretado por Harrison Ford), que discursa de improviso, afirmando que a política externa dos EUA a partir daquele momento não faria concessões e não negociaria com os terroristas. A equipe do presidente americano critica o comportamento do presidente, pois o discurso preparado era outro, mais neutro e comedido.

Ao terminar a cerimônia, o presidente sai com sua comitiva e embarca no avião presidencial Força Aérea Um. Um pouco antes jornalistas russos embarcam no avião,

pois iriam acompanhar a viagem do presidente até Washington. A assessora de imprensa recepciona a equipe e ciceroneia os russos dentro do avião.

O presidente se encontra com sua mulher e filha, que o acompanharam naquela missão diplomática. O avião decola e logo em seguida, passados 20 minutos de projeção do filme, um agente duplo mata seguranças do presidente, abre o armário das armas e dá um sinal para que os russos assumam o controle do avião. Ficamos sabendo que os jornalistas russos verdadeiros haviam sido assassinados por este grupo, que era formado por ultra-nacionalistas russos radicais do Cazaquistão, que iriam sequestrar o avião e o presidente em troca da soltura do general Radek, que se encontrava preso numa prisão na Rússia.

O grupo assume o controle do avião Força Aérea Um, matam vários seguranças, jornalistas e membros da equipe do presidente americano. Dois seguranças do presidente levam-no para uma cápsula de fuga. Acompanhamos a conversa que os pilotos têm com uma base aérea da Alemanha e concordam que o avião presidencial iria aterrissar naquele aeroporto. Vários jatos de caça americanos acompanham e seguem a trajetória do avião, que não consegue aterrissar, pois os pilotos são mortos pelos terroristas.

Em Washington acompanhamos a reunião da vice-presidente (atriz Glen Close) com a equipe ministerial e os militares e ministro da Defesa e da Segurança Nacional. Ela assume o comando das negociações com o líder dos partidários de Radek, interpretado por Gary Oldman, que já havia sido Lee Oswald, acusado de matar o presidente John Kennedy, no filme de Oliver Stone em 1997. Somos surpreendidos porque o presidente americano não entrou na capsula de fuga e permaneceu no avião. Ele planeja retomar o controle da situação. Entra em confronto com um dos sequestradores, pega a arma em se poder e as chaves para entrar na sala onde se encontra a equipe do presidente e sua equipe presidencial. A filha e a mulher não se encontram na sala, pois estão com o líder dos sequestradores.

A vice-presidente telefona para o presidente russo Petrov, mas ele se recusa a soltar o prisioneiro. Ela então fala:

“Uma nação não supera facilmente a morte de um líder”.

A ação dos sequestradores visava à recomposição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Segundo o líder do atentado, eles queriam recuperar a Mãe



Russa, demonstrando fé e amor e pregando a volta ao poder do comunismo. Lembremos que o filme retrata um novo período da geopolítica, agora o muro de Berlim havia sido derrubado e os países socialistas entraram numa crise política-econômica e social.

O presidente consegue encontrar um telefone no bagageiro do avião, e se comunica com a Casa Branca, ordenando que o avião presidencial fosse atacado por mísseis, como uma estratégia para desestabilizar o avião e a equipe dos sequestradores.

Foi a partir desta estratégia que o avião fica com pouco combustível e o sequestrador exige que fosse abastecido em pleno ar. Numa manobra arriscada, envolvendo confrontos é que vários reféns conseguem fugir do avião, fazendo uso de paraquedas.

O avião sobrevoa o espaço aéreo do Cazaquistão. O presidente se encontra com a família e o sequestrador exige que ele negocie a soltura do general Radek. O presidente resiste em ligar, pois não quer negociar com os terroristas. O sequestrador fala que então ele deve escolher quem quer que seja morta: a filha ou a mulher. O presidente titubeia e o sequestrador comenta:

“É o que faz na Casa Branca, brinca de Deus. O homem mais poderoso do mundo não pode fazer tudo”.

Pressionado o presidente liga para o presidente russo e pede a soltura do general do Cazaquistão. O presidente russo atende e começa a negociação da soltura do general da prisão. Após a soltura do prisioneiro, todos os presos comemoram e cantam a Internacional Socialista, que é acompanhada pela equipe que está no avião presidencial através de uma transmissão direta.

Após esse episódio, o presidente americano consegue se libertar e luta corporalmente com o principal líder dos sequestradores, que é jogado do avião em pleno voo. O presidente desabafa:

“Saia de meu avião”.

O presidente russo é avisado que não precisa mais soltar o general Radek e ele é morto antes de embarcar em um helicóptero de resgate.

O presidente americano assume o controle do avião e vai sendo guiado por um militar que se encontra na Casa Branca. O combate continua, pois seis MIG'S do Cazaquistão tentam derrubar o avião, mas são repelidos por aviões americanos. O avião

presidencial é atingido. O resgate é feito através de um helicóptero de guerra e é acompanhado por centenas de americanos e pelos membros do governo que estão na Casa Branca. O agente duplo fica no avião e morre na queda, após o desastre que provocou a derrubada do mesmo. O presidente é o último passageiro a ser resgatado. Quando ele entra no helicóptero comenta:

“Liberty 4 agora é Força Aérea Um”.

Todos comemoram e caças acompanham o avião de resgate do presidente.

Neste filme, o presidente americano se transforma em um super-herói, pois ele consegue sozinho retomar o controle do avião presidencial, salvar a sua família, reféns que estavam no avião e mantém sua posição política de não negociar com terroristas. A nova política de amizade e de respeito com a Rússia é preservada.

**A morte de George W. Bush**, Direção: Gabriel Range, Ano: 2006, País de origem: INGLATERRA, SINOPSE - O presidente norte-americano George W. Bush está em Chicago para discursar para o empresariado local. Uma multidão indignada o recebe com uma manifestação contra a guerra. Os seguranças e policiais se esforçam para conter a situação. Mas, com seu discurso concluído, Bush insiste em encontrar seus partidários na recepção do hotel onde está hospedado. De repente começa um tiroteio e o presidente é atingido. Um pandemônio se instala e Bush é levado às pressas para o hospital, onde morre 5 horas depois.  
<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-118955/>

A primeira cena do filme aparece um letreiro que diz: “As pessoas e as organizações que aparecem neste filme ficcional, incluindo a Casa Branca, o governo dos Estados Unidos ou a polícia de Chicago, não tem associação com o filme ou seus produtores e tampouco aprovaram este conteúdo”.

“A ideia de *A morte de George W. Bush* é genial: fazer um *mockumentário* (como são chamados os documentários falsos, como o recente *Borat*) sobre o que aconteceria caso o atual presidente norte-americano George W. Bush fosse assassinato, teoria nada absurda se contarmos a relação negativa que o governante da nação mais poderosa do mundo tem recebido por comandar desde 2003 uma invasão ao Iraque”, na avaliação da crítica de cinema Angélica Bitto - <http://www.cineclick.com.br/falando-em-filmes/criticas/a-morte-de-george-w-bush>

Data de 19 de outubro de 2007 e aeroporto de Chicago. Seguranças esperam a chegada do presidente George W. Bush que irá se encontrar com empresários. Ouve-se

que várias manifestações estão sendo preparadas contra o presidente após a invasão dos EUA contra o Iraque.

O presidente Bush, em cena de arquivo, desce as escadas do avião. Agente de segurança comenta do trabalho que esses setores têm antes de qualquer viagem do presidente.

As manifestações começam e ouvimos os cidadãos de Chicago gritando:

“Nós odiamos Bush, nós odiamos Bush”.

Os agentes de segurança fazem uma rota alternativa e conseguem dispersar os manifestantes e chegam com o presidente no Sheraton Hotel. Os manifestantes são agredidos pela polícia, que tentavam impedir o avanço deste junto ao presidente.

Ouvem-se as vozes dos manifestantes:

“Parem a matança. Parem os bombeiros! Parem a tortura! E parem de falir nossas comunidades para pagar uma guerra, baseada em mentiras!”

O discurso de George W. Bush que fez para os empresários no Clube Econômico de Chicago era sobre a economia americana.

Todo filme é entrecortado por depoimentos e entrevistas de membros do governo Bush e das Forças armadas e policiais que faziam parte da escolta e da segurança do presidente. Enquanto Bush discursa para os empresários, manifestantes cercam o Hotel Sheraton e gritam:

“Nós não queremos guerra! O presidente Bush foi à guerra!”

Segundo um dos militares que prestavam depoimento:

“Existe uma nova raça de anarquistas. São aqueles que têm a mentalidade de que vale tudo. É triste, mas a única forma de lidar com eles, é com a força bruta”.

Fala dos manifestantes:

“Sem justiça, sem paz! Dane-se a polícia!”

Enquanto Bush discursa para os empresários, manifestantes cercam o Hotel Sheraton e gritam: “Nós não queremos guerra! O presidente Bush foi à guerra!”

Segundo um dos militares que prestavam depoimento:

“Existe uma nova raça de anarquistas. São aqueles que têm a mentalidade de que vale tudo. É triste, mas a única forma de lidar com eles, é com a força bruta”. Fala dos manifestantes: “Sem justiça, sem paz! Dane-se a polícia!”

Quando Bush estava saindo do hotel, ele recebe um tiro no peito. Logo foi encaminhado ao hospital. Policiais cercam o hotel e agentes de segurança e não

conseguem pegar o suspeito. Câmeras de segurança recuperam vários momentos antes do tiroteio, em ruas vizinhas ao Hotel.

Prenderam Frank Molini, ativista ambientalista, para averiguação, além de outras pessoas consideradas suspeitas, como um imigrante clandestino, que não tinha visto de permanência para ficar nos EUA, como também um sírio que havia prestado serviço militar na Síria.

Bush morre em 10 de maio de 2008 e quem assume a presidência dos EUA é seu vice, Dick Cheney, que exige explicações e maiores informações sobre o sírio preso como suspeito de matar o presidente Bush. Bashar Assad, presidente da Síria é responsabilizado por um sírio dissidente, de patrocinar e incentivar assassinatos de lideranças políticas no Oriente Médio, bem como nos EUA e Europa. Segundo os telejornais mostrados no filme, Cheney tinha uma obsessão: derrubar Bashar Assad.

O presidente quer controlar a política americana. O Congresso Nacional, numa sessão fechada decide aprovar uma emenda ao Ato Patriótico, que ampliariam:

“O poder do FBI para prever e prevenir atos de terrorismo e melhorar a segurança para oficiais federais”.

O falso funeral do presidente George W. Bush é realizado após dez dias de seu assassinato. Cenas com bandeiras, hinos, carro fúnebre são destaque. O povo acompanha de longe o cortejo. O presidente Cheney ressalta as qualidades do presidente morto:

“Caros cidadãos nessa vigília de luto nacional nós mostramos quanto os EUA amavam esse bom homem. E como sentiremos falta dele. Havia um traço de bondade, simplicidade e bondade que marcaram todos os anos de sua vida. O espírito alegre que o fez avançar era mais do que uma disposição. Era o otimismo de uma alma fiel que acreditava nos desígnios de Deus e sabia que eles eram corretos e verdadeiros”.

Uma cena é marcante após a missa de corpo presente de Bush. Aparece a cidade de Chicago com mesquitas, prédios em volta e árabes circulando pelas ruas. Mulher árabe dá um depoimento do treinamento de homens para ataques terroristas e fala de Jamal Abu Zikri, seu marido, foi aliciado obrigatoriamente pela organização terrorista Al Qaeda. O governo americano acusa esse homem como o suspeito de matar o presidente Bush a partir de uma digital parcial.

Ele é julgado e condenado pelo assassinato do presidente. A cena do Tribunal parece real, com todas as características de um julgamento.

Várias pessoas, ligadas a movimentos sociais e organizações políticas assumiram o assassinato de Bush, que era criticado, principalmente pela guerra contra o

Iraque e pelas mentiras contadas ao povo americano e ao mundo, de que o presidente Sadam Hussen possuía armas químicas.

Posteriormente as indicações apontam Aloysius Claybon, um soldado americano que havia lutado no Iraque como assassino de Bush, mas naquela altura, o Siki já estava preso e acusado deste crime. O filho de Claybon afirma que seu pai havia planejado a morte de Bush..

O entrevistado do staff do presidente Bush afirmou:

“Pessoas disseram que o ódio demonstrado naquele dia deu ao assassino permissão para atirar em Bush”.

Cena dos manifestantes ao fundo, com os rostos cobertos, com cartazes de posicionamento contra Bush.

O entrevistado ainda comenta que:

“Sob o poder garantido pelo Patrióta III nós mantivemos uma constante supervisão de e-mails e telefonemas de cada grupo de manifestantes com relação a esse assunto”.

A mulher de Siki considera que a prisão e a acusação contra seu marido foi um ato político e que será difícil ele sair da prisão, pois sempre irão encontrar uma justificativa para mantê-lo preso.

A cena final é do filho de Aloysius Claybon caminhando pelo cemitério.

### **Algumas conclusões:**

Com exceção do filme *Força Aérea Um*, que é uma ficção, mas que retrata a conjuntura política daquele momento histórico de queda do Muro de Berlim e de uma busca de acordos políticos com a Rússia, os outros filmes podem ser considerados documentários, já que reconstroem determinados fatos políticos da realidade política dos Estados Unidos.

No caso do filme *JFK- a pergunta que não quer calar*, realizou a reconstrução histórica do assassinato de Kennedy e, para tanto, contou com documentários, filmes e cenas da época. O empenho de um promotor na descoberta dos assassinos do presidente provocou agências governamentais como a CIA, o FBI, gerou desconfianças e críticas aos empresários ligados à indústria bélica e a própria estrutura governamental, incluindo o seu vice Lyndon Johnson. A explicação de seu assassinato, na avaliação do filme e da afirmativa do diretor Oliver Stone, convence o espectador que o presidente Kennedy foi assassinado porque queria a paz no Vietnã, queria reatar relações diplomáticas e

comerciais com a URSS e queria amenizar as relações com o governo cubano de Fidel Castro.

Por sua vez, a tentativa de assassinato de Nixon, no filme *O assassinato de Richard Nixon*, explorou o ódio despertado por esse governante em determinados setores da população americana, que acompanhou o governo desse governante marcado por uma crise econômica, crise política, como o caso Watergate e participação dos americanos em guerras, como a do Vietnã.

O filme *A morte de George W. Bush* é uma combinação perfeita de ficção e documentário. Bush não sofreu nenhum atentado e não foi assassinado. O filme preserva a estrutura de documentário ao faz uso de acervos e entrevistas em que o então presidente esteve presente. Os depoimentos dos atores, que representavam assessores e o staff administrativo do presidente, são convincentes e favorecem a ideia de que se fez um documentário.

### **Bibliografia utilizada**

CALVO, Enrique Gil – El miedo es el mensaje – riesgo, incertidumbre y medios de comunicación, Alianza Editorial, Madrid, 2003 (páginas 13 a 94)

CHAIA, Vera - Eleições no Brasil: o medo como estratégia política, in Rubim, A.A. (org.) Eleições presidenciais em 2002 no Brasil: ensaios sobre mídia, cultura e política. São Paulo, Hacker Editores, 2004.

CHAIA, Vera – Política e Cultura do Medo, in GOUVEIA, E., BALTAR, R. e BERNARDO, T. Ciências Sociais na atualidade: temáticas contemporâneas, São paulo, EDUC/CAPES, 2011.

DELUMEAU, Jean – História do medo no Ocidente – 1300-1800, Companhia das Letras, São Paulo, 2001.

DELUMEAU, Jean. Medos de ontem e de hoje em Novaes, Adauto (org.) Ensaio sobre O MEDO. SÃO PAULO, EDITORA SENAC, 2007.

GLASSNER, Barry – Cultura do medo – porque tememos cada vez mais o que deveríamos temer cada vez menos, Introdução – pág. 11 a 45, W11 Editores Ltda, São Paulo, 2003.

KEHL, M.R. Elogio do medo em Novaes, Adauto (org.) Ensaio sobre o Medo. São Paulo, Editora Senac , 2007.

NICOLETTI, André Ulysses - Produção Jornalística sobre o Terrorismo: construção e uso de um conceito, TCC de Ciências Sociais, São Paulo, PUC-SP, 2006.

VIEIRA, J. L. A construção do medo no cinema em Novaes, Aduino (org.) Ensaios sobre o Medo. São Paulo, Editora Senac , 2007.

WAINBERG, Jacques. Mídia e terror – comunicação e violência política. São paulo, editora Paulus, 2005.

VIRILIO, Paul – Ciudad pânico – El afuera comienza aqui, Libros Del Zorzal, Buenos Aires, 2006.

**Sites pesquisados:**

<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-52407/>

<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-1417/>

<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-10371/>

<http://www.cineclick.com.br/falando-em-filmes/criticas/a-morte-de-george-w-bush>